

SADE, Donatien Alphonse François. **Os 120 dias de Sodoma ou a Escola da Libertinagem.** Traduzido e anotado por: Rosa Freire d’Aguiar. Posfaciado por: Eliane Robert Moraes. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018. 504 p. Título original: *Les 120 journées de Sodome, ou l’École du libertinage*.ⁱ



Rodrigo D’AVILA Braga Silvaⁱⁱ
Universidade Federal de Santa Catarina

Jaqueline SINDERSKI Bigatonⁱⁱⁱ
Universidade Federal de Santa Catarina

RECEBIDO EM: 16/11/2018

ACEITO EM: 15/12/2018

PUBLICADO EM: dezembro 2018

Incrível requinte da libertinagem.
Marquês de Sade

171

Em 2018, a obra *Les 120 journées de Sodome, ou l’École du libertinage*, de autoria do marquês de Sade, recebeu sua mais recente tradução ao português brasileiro. A edição em questão – apenas a quarta tradução d’ *Les 120 journées de Sodome, ou l’École du libertinage* publicada no Brasil – é fruto de muitas pesquisas e leituras, e isso é claramente demonstrado ao longo dos peritextos e, também, das notas (de rodapé) presentes no livro, realizadas por Rosa Freire d’Aguiar, a tradutora, e Eliane Robert Moraes, a posfaciadora. A presente publicação dá à luz, finalmente, a um Sade muito mais complexo e, até então, desconhecido pela maioria de leitores, trazendo informações mais completas sobre sua vida e sua obra, assim como sobre seu sistema, servindo quase como um guia de leitura (mas não, necessariamente, facilitada) do texto para que qualquer leitor, e sobretudo aquele que não conhece a Obra de Sade em toda a sua profundidade, consiga ir além do pornográfico. Após um hiato de doze anos, data da última tradução de Sade no Brasil, é interessante ver esse resgate da obra sadiana em uma nova tradução, voltada para o grande público e que tem o intuito de ensinar ao leitor quem foi Sade e do que trata a sua obra, e não somente vendê-lo como simples romance pornográfico.

Donatien Alphonse François, conhecido mais precisamente como marquês de Sade, foi um escritor e filósofo que nasceu em Paris, França, no ano de 1740. Passou a maior parte de sua vida encarcerado, seja em prisões como a Bastilha ou em sanatórios. As principais razões para justificar as inúmeras “passagens” por tais instituições estão relacionadas à produção intelectual do escritor, tida como subversiva e imoral, além do seu pensamento e estilo de vida libertinos. Foi autor de inúmeros livros, de cunho erótico, filosófico e político, dentre os quais, destacam-se *Aline e Valcour*, *Os infortúnios da virtude*, *L’histoire de Juliette* (ainda não traduzido para o português brasileiro), *A filosofia na alcova* e *Diálogo entre um padre e um morimbundo* – títulos que, assim como outros, foram censurados ou proibidos tanto durante a vida do autor quanto após sua morte. O marquês perpetuou em suas obras seu pensamento e sua filosofia, que continham elementos de pensadores e escritores que ele constantemente lia, assim como seus raciocínios sobre a sociedade do século XVIII – tal filosofia negava Deus e o substituía pela ideia de uma natureza tirânica, e foi melhorada em todas as suas obras, progressivamente, até o fim de sua vida, em 1785. Seu sobrenome, Sade, foi apropriado pela clínica e, mais exatamente, pelo psiquiatra Richard von Krafft-Ebing, em 1886, para designar uma “perversão do instinto sexual” denominada *sadismo* – termo que, posteriormente, foi relacionado à *masoquismo* (a partir da obra de Sacher-Masoch e seguindo a mesma lógica), cuja associação resultou na designação *sadomasoquismo*.

A tradutora da presente edição é Rosa Freire d’Aguiar, formada em jornalismo; é, também, escritora e editora desde 1986. Como tradutora, trabalha com as línguas francês, inglês e espanhol. Traduziu obras de diversos autores, como Stendhal, Montaigne, Balzac, Lévi-Strauss e Céline. Além disso, recebeu diversos prêmios relacionados à área editorial, incluindo um Jabuti pela tradução (a partir do francês) de *A elegância do ouriço*, de Muriel Barbery. Em 2018, teve sua tradução d’*Os 120 dias de Sodoma* publicada pela Companhia das Letras. O posfácio d’*Os 120 dias de Sodoma* ficou a cargo de Eliane Robert Moraes, professora de literatura brasileira na Universidade de São Paulo. Pesquisou e publicou inúmeros trabalhos sobre literatura libertina e erótica, poesia, estética, erotismo no Brasil e na França, além de pesquisar autores como Georges Bataille, Marquês de Sade, Hilda Hilst, Roberto Piva e Dalton Trevisan. Além de organizar e publicar antologias e livros de autoria própria, atua como tradutora, tendo traduzido livros como *Teoria da religião* e *História do olho*, ambos de autoria de Georges Bataille.

Os 120 de Sodoma ou a Escola da Libertinagem foi concebido em 1785, quando o marquês de Sade, seu autor, encontrava-se encarcerado na Bastilha. Foi escrito (frente e verso)

em tiras de papel (de 12 centímetros cada), umas coladas às outras, formando uma faixa de, aproximadamente, 12 metros de comprimento. O texto foi encontrado em uma cela da prisão e sua configuração permanece a mesma até hoje – um rascunho no qual estão desenvolvidas apenas a *Introdução* e a *Primeira Parte*, as três partes restantes que compõem a obra são apresentadas em forma de um plano detalhado (e anotado) daquilo que, provavelmente, viria a se tornar o texto final. É considerada a obra e a fonte iniciais do pensamento do escritor e apresenta as ideias e a filosofia por ele concebidas, as quais diziam respeito, sobretudo, aos homens, à sociedade, à natureza, à Deus, à religião e ao prazer. É a partir d’*Os 120 dias* que Sade passa a escrever e refinar seus ideais filosóficos (morais e metafísicos), quase que obsessivamente, presentes em outros tantos livros, tais como *Os infortúnios da virtude* e *A filosofia da alcova*. O romance somente foi publicado postumamente na Alemanha, em 1904 (90 anos após o falecimento do autor), uma vez que o único manuscrito definitivo do texto havia sido perdido durante sua saída, no dia 4 de julho de 1789, da cela da Bastilha (em plena Revolução Francesa). Tal fato atormentou o marquês de Sade, que passou o resto de seus anos tentando reconstruir aquilo que, para ele, havia sido sua obra prima.

A obra também apresenta um retrato social da época, na qual as regras e modo de vida, segundo o autor, não passavam de hipocrisia. A sociedade do século XVIII era, essencialmente, libertina – sendo o libertino o indivíduo livre, que se recusa a separar alma e corpo e que tem o domínio sobre si, suas paixões e desejos que são naturalmente bons. Eis, então, a fonte da hipocrisia social: era nas alcovas, da sociedade francesa setecentista que se encontrava o *débauche*, a libertação sexual, enquanto nas ruas, em plena luz do dia, vivia-se de acordo com as morais e costumes cristãos. E Sade, tanto n’*Os 120 dias* quanto em toda a sua obra, denunciava exatamente isso: não a “imoralidade” e libertinagem, mas o fato de que as pessoas não assumiam (e não aceitavam) sua verdadeira natureza. O autor e libertino ansiava que se visse o ser humano (e que ele se mostrasse) tal qual como é, que suas naturezas e intenções fossem tão transparentes quanto a água límpida; mas esse não era (é) o caso, como expõe o próprio autor, já no início de sua “Introdução” a *Os 120 dias*: “O fim desse reino [de Luís XIV], por sinal tão sublime, talvez seja uma das épocas do Império francês em que mais se viram essas fortunas obscuras, que só brilham por causa de um luxo e uma devassidão tão ocultos como elas” (SADE, 2018, p. 15).

Trata-se de uma história de quatro libertinos, pessoas de alto *status* social – os senhores: o presidente de Curval, o duque de Blangis, o financeiro Durcet e o (irmão do duque) Bispo, cujo nome é representado por três asteriscos (***), com idade entre 50 e 60 anos; suas esposas:

Julie, Constance e Adélaïde e a sobrinha do Duque e filha do Bispo, Aline (apresentadas de acordo com a ordem dos senhores); quatro velhas alcoviteiras (*duègnes*) extremamente experientes, cujas idades variam entre 50 e 70 anos; quatro historiadoras que “viveram bem” seus 48-60 anos e que devem contar histórias cada vez mais libertinas; oito fodeiros (entre 25 e 30 anos), escolhidos pelo tamanho de seus membros; dezesseis jovens, incluindo oito meninas e oito meninos com idades entre 12 e 15 anos, tirados de suas famílias; e, também, seis outras mulheres, cujas funções diferem das anteriores (somente trabalhos domésticos): três empregadas domésticas e três cozinheiras. A permanência no castelo de Silling, na Floresta Negra tem a duração de cento e vinte dias, de novembro a fevereiro, e o narrador, ao final do livro, apresenta os resultados desta “aventura” e os classifica sob o mês de março, – que coincide com o fim do reinado de Luís o Grande, na história da França. De um total de 46 pessoas, apenas dezesseis retornaram a Paris, incluindo os quatro mestres e patrocinadores. Como analisa Eliane Robert Moraes, em seu posfácio à obra, *120 dias de Sodoma* é um espécime literário dificilmente classificável:

174

Cabe lembrar que os *120 dias* se iniciam como uma novela histórica, assumindo em seguida uma estrutura teatral que, por sua vez, dá lugar ao diálogo filosófico, para depois se resumir a um catálogo e terminar na forma de um balanço, expondo uma terrível contabilidade numérica. Em outras palavras: não há convenção que resista a esta composição inclassificável, que rompe com as regras de qualquer gênero literário até o ponto de se apresentar como um texto efetivamente degenerado. (SADE, 2018, p. 496)

A tradução, por sua vez, é acompanhada de peritextos – em uma obra de grande envergadura, como a que aqui se apresenta, a leitura e a análise dos paratextos tornam-se imprescindíveis – que apresentam, brevemente no início, o autor, a tradutora e a posfaciadora, e, em seguida, há uma “Nota da Tradutora”, com referências bibliográficas; ao longo do livro, é possível encontrar algumas poucas notas de rodapé que baseadas em edições anteriores, acrescidas de notas específicas para o público leitor brasileiro; ao fim, encontram-se o posfácio e uma lista cronológica (intitulada “Cronologia”) de eventos históricos franceses, que se inicia no ano de 1740, com o nascimento do autor, e termina com os anos 2014, bicentenário de Sade (inscrito, então, na lista de comemorações nacionais francesas), e 2017, quando o livro *Os 120 dias de Sodoma* foi declarado patrimônio nacional pelo governo francês. É importante destacar a relevância dos paratextos presentes na tradução, sobretudo da nota concebida por Rosa Freire d’Aguiar quanto do posfácio elaborado por Eliane Robert Moraes, uma vez que as obras de Sade têm sido, até pouco tempo, apresentadas ao público brasileiro como textos meramente

pornográficos, nos quais toda a profundidade filosófica e política, característica intrínseca do autor, foi apagada – obras mutiladas, assim como as próprias personagens presentes nos romances sadianos.

Em sua “Nota de Tradutora”, apresentada nos moldes de um prefácio, Rosa Freire d’Aguiar expõe fatos históricos relativos tanto ao autor, Sade, quanto à vida do manuscrito, além de discorrer sobre seu projeto de tradução, realizada a partir de uma publicação (de 1990, volume 1, organizado por Michel Delon) da coleção francesa *Bibliothèque de la Pléiade*. O fato de se citar a versão do texto de partida é algo extremamente raro nas traduções, mas de suma importância, pois é fato conhecido que também existem várias versões do original e que isso certamente alterará o resultado final da tradução (e isso permite que críticos e estudiosos da tradução tenham ferramentas suficientes para cotejar tais textos traduzidos, assim como para analisar a tradução em relação ao texto fonte). Para a tradução d’*Os 120 dias* (título o qual também passou por uma modificação, retornando ao formato original, grafado em algarismos romanos), d’Aguiar se propôs a manter a pontuação, a paragrafação e as diferenças vocabulares das personagens (que fazem referência às classes e origens sociais de cada um) presentes no original, a iniciar com travessão os diálogos. Afora isso, a partir de publicações portuguesas contemporâneas a Sade – incluindo os *Sonetos*, de Manoel Maria Barbosa du Bocage –, a tradutora procurou recriar, na medida do possível, o português setecentista e “evitar anacronismos linguísticos e abonar o vocabulário libertino” (SADE, 2018, p. 10), além de se utilizar de dicionários específicos do português e do francês dos séculos XVIII e XIX.

Ressalta-se que, dentro da História da Tradução de Sade no Brasil, *Os 120 dias de Sodoma* é uma das obras mais icônicas de Sade, com um total de 3 traduções (duas em 1969 e uma em 2006) e tendo essas traduções sido reeditadas 3 vezes (1969, 1980, 2013), fato que mostra a importância dessa obra dentro do sistema literário brasileiro. Uma das grandes diferenças que se pode perceber na tradução é o cuidado que é dado à linguagem do texto, enquanto que, nas traduções anteriores se pode notar, por parte dos tradutores ou editores, uma busca em manter um tom extremamente clássico e rebuscado na escrita do português, como se esse fosse o principal traço da escrita de Sade.

A tradução de Rosa Freire d’Aguiar renova o texto, em português brasileiro, d’*Os 120 dias*, ao mesmo tempo em que, como afirma em sua “Nota”, procura trazer esse português de época (século XVIII), adaptando-o ao contexto do português brasileiro contemporâneo e, com isso, tornando o texto de Sade mais acessível ao público, ao utilizar um vocabulário mais contemporâneo e vivaz, mas sem perder toda a riqueza da obra. O texto em português brasileiro

traz à tona o erotismo da obra sem deixá-la enfadonha, e não tentando criar uma atmosfera erudita à obra, como a tradutora mesmo afirma. Os diferentes níveis de linguagem das personagens foram bem marcados, para que se fique bem clara a separação das classes sociais e como esse microcosmo do castelo de Silling é uma reprodução da sociedade francesa de sua época.

O trabalho com o qual foram realizadas as notas de rodapé inseridas no texto. Por se tratar de um texto setecentista, com muitos detalhes e informações de uma França sobre a qual os leitores brasileiros, em geral, possuem pouco conhecimento, a tradutora inseriu notas extremamente relevantes e na medida exata para que o leitor tenha condições de acompanhar e reconstruir todo o cenário da obra sem se perder, tanto em relação a essas informações de época quanto a uma possível quantidade excessiva de notas que poderia prejudicar a fluidez da leitura (para aqueles que não estão a isso habituados).

176

Outra questão que faz, também, com que a tradução possa ser classificada como renovadora (no âmbito do sistema literário brasileiro) – e que comprovam que o processo criativo de d’Aguiar ocorreu de maneira a ressaltar aspectos extremamente necessários do texto, mas sem perder de vista a própria liberdade à qual a tradutora, enquanto autora do texto em português, tem direito –, é relativa aos nomes próprios de algumas personagens, como é o caso dos nomes dos fodedores. Em *Les 120 journées*, oito fodedores são escolhidos, a partir de critérios que dizem respeito à sua aparência (belos e jovens) e ao tamanho e performance de seus membros (grandes e robustos, como será exemplificado posteriormente), para fazerem parte do grupo que participará dos eventos a serem realizados no castelo de Silling; os nomes de quatro dessas personagens (as únicas nomeadas e mencionadas, pelo *tamanho* de sua importância na narrativa) foram elaborados de maneira que se tornassem alcunhas que remetem às características mais marcantes (e mais importantes, do ponto de vista dos libertinos) de cada uma delas. Assim, o leitor é apresentado, já na “Introdução”, a *Hercule*, nomeado a partir do semideus Hércules, uma vez que possuíam a mesma constituição; *Antinoüs*, de acordo com suas belas bunda e pica, como “o efebo de Adriano” (SADE, 2018, p. 59); *Brise-cul*, assim batizado por possuir uma pica “agradavelmente torneada que para ele tornava-se quase impossível enrubar sem arrebentar o cu” (*idem*); e *Bande-au-ciel*, cuja ereção era sempre constante e o único “muito feio” (*ibidem*, p. 88). Os sujeitos, no texto em português, são nomeados, respectivamente, como: Hercule, que mantém a referência às origens mitológica de seu nome (apesar de que, em português, “Hércules” é mais comumente utilizado); o mesmo acontece com Antínoo, que, historicamente, foi amante do imperador Adriano e cuja grafia já se encontra

canonizada em português brasileiro; Rebenta-cu e Pica-pro-céu são personagens cujos os nomes fazem referência somente ao tamanho e desempenho de seus membros: a primeira arrebenta o que penetra e a segunda está sempre apontando para cima. Dessa maneira, as traduções propostas por d'Aguiar conservaram a riqueza de conteúdo desses apelidos e, ao mesmo tempo, recriaram sua sonoridade, conferindo um tom de informalidade e fluência que não era possível encontrar nas traduções anteriores (que, por sua vez, conferiram um tom austero a essas personagens, que produziram calques de outras traduções ou, então, simplesmente realizaram traduções literais).

Em relação ao a tais personagens, há, ainda, a questão da atualização do sistema de medidas utilizado pelo autor para descrever com detalhes os fodedores e, principalmente, seus genitais – no texto original o autor utiliza o sistema de medidas do Antigo Regime francês (que foi utilizado até 1785, na França). Sade (1990, p. 74-75) empregou, assim, os termos “*pouce*” (polegada) e “*lignes*” (linhas) – sendo que 12 *lignes* correspondem a 1 *pouce* (2,707 centímetros) – para descrever os membros dos oito fodedores (*Hercule*, *Antinoüs*, *Brise-cul*, *Bande-au-ciel* e o grupo dos quatro restantes, respectivamente): “*son vit a huit pouces deux lignes de tour sur treize de long*”, “*son vit a huit pouces de tour sur douze de long*”, “*la tête ou le gland en est énorme : il a huit pouces trois lignes de tour, et le corps du vit huit pouces sur treize de long*”, “*son vit a sept pouces onze lignes de tour sur onze de long*” e “*les quatre autres, de neuf à dix et onze pouces de long sur sept et demi et sept pouces neuf lignes de tour*”. Por sua vez, a tradutora, Rosa Freire d'Aguiar (SADE, 2018, p. 87-88), utilizou o sistema métrico (Sistema Internacional de Unidades), amplamente conhecido e utilizado, representado pelo termo “centímetros”, como podemos notar nos seguintes trechos (caracterizando os oito fodedores, na mesma ordem que o texto em francês): “caralho de um vinte de circunferência por quarenta de comprimento”, “seu caralho tem vinte centímetros de circunferência por trinta de comprimento”, “a glande ou cabeça é enorme: tem vinte e um centímetros de circunferência, e o corpo do membro, vinte centímetros por quarenta de comprimento”, “tem um caralho de dezoito centímetros de circunferência por vinte e oito centímetros de comprimento” e “os quatro outros, de vinte e dois ou vinte e cinco a vinte e oito centímetros de comprimento por dezenove ou vinte de circunferência”. Para o leitor do francês já familiarizado com o sistema do Antigo Regime, os números apresentados (em sua grande maioria, os membros medem em torno de oito *pouces*) por Sade são significantes e ilustram os genitais, na mente do leitor, exatamente do tamanho que o autor intentava. No entanto, para um leitor que desconhece essas unidades, “oito polegadas” não apresentaria a mesma força imagética e simbólica que “vinte centímetros”,

porque “polegadas” não faz parte da cultura (e, portanto, não é frequentemente utilizada) do leitor brasileiro e isso resultaria na destruição de todo o simbolismo presente no tamanho dos membros dos fodedores.

Em guisa de conclusão, é válido destacar que a manutenção dos nomes e apelidos (significativos), dos diferentes níveis de vocabulário e linguagem das personagens, do léxico pornográfico variado (como os mais variados tipos de referências às mesmas partes corporais) e, sobretudo, das medidas hiperbólicas é extremamente necessária, e essas escolhas tradutórias demonstram o quanto d’Aguiar compreende e respeita o autor e seu estilo literário. Essa configuração do texto remete ao efeito que o marquês de Sade objetivava causar, algo entre o fascínio, a aversão e o espanto, e que nenhum outro autor conseguira até então – como o próprio narrador do texto coloca, trata-se do “relato mais impuro que jamais foi feito desde que o mundo existe, pois livro semelhante não se encontra nem entre os antigos nem entre os modernos” (SADE, 2018, p. 81). Por fim, deve-se sublinhar o fato de que *Os 120 dias de Sodoma*, mais do que um livro sobre suplícios sexuais, vícios, pecados e pornografia, é uma narrativa não somente sobre outras narrativas, mas sobre os possíveis limites da imaginação e, principalmente, da própria literatura^{iv}.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SADE, Donatien Alphonse François. *Os 120 dias de Sodoma ou a Escola da Libertinagem*. Traduzido e anotado por: Rosa Freire d’Aguiar. Posfaciado por: Eliane Robert Moraes. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018. 504 p. Título original: *Les 120 journées de Sodome, ou l’École du libertinage*.

SADE, Donatien Alphonse François. *Les 120 journées de Sodome, ou l’École du libertinage*. In: SADE, Donatien Alphonse François *Œuvres*. Édition établie par Michel Delon. Paris: Gallimard, 1990. v. 1. (Coll. Bibliothèque de la Pléiade)

ⁱ A presente resenha de tradução foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ⁱⁱ Rodrigo D’AVILA Braga Silva – Doutorando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Estudos da Tradução (2016) pela Universidade de Brasília. Bacharel em Letras-Tradução/Francês (2015) pela mesma instituição. Bacharel em Relações Internacionais (2006) pela Universidade Católica de Brasília. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1746993519090773> E-mail: rodrigodavilabraga@gmail.com

ⁱⁱⁱ Jaqueline SINDERSKI Bigaton – Doutoranda e Mestre (2017) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharel Letras - Francês (2014) pela mesma instituição. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2899124672170738> E-mail: jaquelinesinderski@gmail.com

^{iv} Agradecemos à Diego Moreira pelas discussões e pela associação entre o que Georges Bataille apresenta sobre a transgressão da literatura e *Os 120 dias de Sodoma* (2018).